

O JORNAL E O LIVRO*

I¹

AO SR. DR. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA.

O espírito humano, como o heliotrópio, olha sempre de face um sol que o atrai, e para o qual ele caminha sem cessar: – é a perfectibilidade.²

A evidência deste³ princípio, ou antes deste facto,⁴ foi claramente demonstrada num livro de ouro,⁵ que tornou-se o Evangelho de uma religião. Serei eu, derradeiro dos levitas da nova arca, que me abalance a falar sobre tão debatido e profundo assunto?

Seria loucura tentá-lo. De resto, eu manifestei a minha profissão de fé nuns versos singelos;⁶ mas não frios de entusiasmo, nascidos de uma discussão. Mas então tratava-se do progresso na sua expressão genérica. Desta vez limito-me a traçar algumas ideias sobre uma especialidade, um sintoma do adiantamento moral da humanidade.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CM (ano XVI, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859 – parte I; e n. 12, p. 2, 12 jan. 1859 – parte II), PPGS (p. 85-102), MASA (p. 69-77) e OCA2008 (v. 3, p. 1007-1012). Texto-base: CM. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Cynthia Beatrice da Costa, Gilson Santos e José Américo Miranda. Em CM, no rodapé, vem a seguinte nota do autor (assinada pelo número I junto ao título, entre parênteses): “A ideia deste trabalho pertence ao meu amigo o Sr. Reinaldo Carlos.” Sobre esse amigo, eis o verbete de Ubiratan Machado (2021, p. 360): “**Montoro, Reinaldo Carlos** Poeta, romancista, ensaísta, nasceu no Porto, Portugal, em 1831. Crítico de alguma influência nas décadas de 1850 e 1860, amigo de Machado, foi quem lhe sugeriu escrever “O jornal e o livro”, um dos artigos mais importantes de sua mocidade. Em 1858, ao lado de Machado e mais três escritores, foi um dos tradutores de *Brasil pitoresco*, de Ribeyrolles. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1889.”

¹ Em CM, em OCA2008 e em MASA, esta primeira parte do texto não traz numeração; a segunda traz o número II (abaixo destes dizeres “AO SR. DR. M. A. DE ALMEIDA”).

² cessar: – é a perfectibilidade.] cessar: é a perfectibilidade. – em OCA2008; cessar – é a perfectibilidade. – em MASA.

³ deste] desse – em OCA2008.

⁴ deste facto,] deste fato, – em PPGS e em MASA; desse fato, – em OCA2008.

⁵ Em CM, em PPGS e em MASA, em rodapé, vem a seguinte nota do autor: “*Le monde marche* do Sr. Pelletan.” Pierre Clément Eugène Pelletan (1813-1884) era escritor, jornalista e político.

⁶ singelos;] singelos, – em PPGS, em OCA2008 e em MASA. Em PPGS, ao final do texto (p. 102), há uma NOTA em que Galante de Sousa assim se refere a esta passagem: “As palavras do autor ‘eu manifestei a minha profissão de fé nuns versos singelos’ etc. referem-se à poesia *O PROGRESSO – Hino da Mocidade*, dedicada a E. Pelletan, e publicada no ‘Correio Mercantil’, Rio, 30-11-1858.” Em MASA, nota semelhante a essa foi posta no rodapé.

Sou dos menos inteligentes adeptos da nova crença, mas tenho consciência que dos de mais profunda convicção. Sou filho deste século, em cujas veias ferve o licor da esperança. Minhas tendências, minhas aspirações,⁷ são as aspirações e as tendências da mocidade; e a mocidade é o fogo, a confiança, o futuro, o progresso. A nós, *guebros* modernos do fogo intelectual, na expressão de Lamartine,⁸ não importa este ou aquele brado de descrença e desânimo: as sedições só se realizam contra os princípios, nunca contra as verdades.⁹

Não há contradizê-lo.¹⁰ Por qualquer face que se olhe o espírito humano descobre-se a reflexão viva de um sol ignoto. Tem-se reconhecido que há homens para quem a evidência das teorias é uma quimera; felizmente temos a evidência dos factos,¹¹ diante da qual os S. Tomás¹² do século têm de curvar a cabeça.¹³

É a época das regenerações. A revolução francesa,¹⁴ o estrondo maior dos tempos europeus, na bela expressão do poeta de *Jocelyn*,¹⁵ foi o passo da humanidade para entrar neste século. O pórtico era gigantesco, e era necessário um passo de gigante para entrá-lo. Ora, esta explosão do pensamento humano concentrado na rainha da Europa¹⁶ não é um sintoma de progresso? O que era a revolução francesa senão a ideia que se fazia república,¹⁷ o espírito humano que tomava a toga democrática pelas mãos do povo mais democrático do mundo? Se o pensamento se fazia liberal é que tomava a sua verdadeira face. A humanidade, antes de tudo, é republicana.

Tudo se regenera: tudo toma uma nova face. O jornal é um sintoma, um exemplo desta regeneração. A humanidade, como o vulcão, rebenta uma nova cratera quando mais fogo lhe ferve no centro. A literatura tinha acaso nos moldes conhecidos em que preenchesse¹⁸ o fim do pensamento humano? Não; nenhum era vasto como o jornal, nenhum liberal, nenhum democrático¹⁹ como ele. Foi a nova cratera do vulcão.

⁷ aspirações,] aspirações – em OCA2008.

⁸ Alphonse de Lamartine (1790-1869) empregou exatamente esta expressão – “ces *Guèbres* modernes du feu intellectuel” – na parte II do “VII^e entretien” do *Cours familier de littérature: un entretien par mois* (1856, tome seconde.)

⁹ verdades.] variedades. – em OCA2008 e em MASA.

¹⁰ Não há contradizê-lo.] Não há como contradizê-lo. – em OCA2008.

¹¹ factos,] fatos, – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

¹² S. Tomás] s. Tomás – em OCA2008.

¹³ Referência à cena bíblica que deu origem à expressão “ver para crer”: Jo 20,24-29.

¹⁴ revolução francesa,] Revolução Francesa, – em OCA2008 (aqui e na ocorrência subsequente, logo adiante neste mesmo parágrafo).

¹⁵ *Jocelyn*,] *Jocelin*, – em CM. *Jocelyn*: poema de Lamartine, publicado em 1836.

¹⁶ Entenda-se: na França.

¹⁷ república,] República, – em OCA2008.

¹⁸ preenchesse] preenchesse – em MASA.

¹⁹ democrático] democrático, – em OCA2008.

Tratemos do jornal, esta alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo, e que o espírito humano, este²⁰ Arquimedes de todos os séculos, encontrou.

O jornal matará o livro? o livro²¹ absorverá o jornal?

A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento. A geração que nascia vinha ali contemplar a ideia da geração aniquilada.

Este²² meio, mais ou menos aperfeiçoado, não preenchia as exigências do pensamento humano. Era uma fórmula estreita, muda, limitada. Não havia outro. Mas as tendências progressivas da humanidade não se acomodavam com os exemplares primitivos dos seus livros de pedra. De perfeição em perfeição nasceu a arte. A arquitetura vinha transformar em preceito, em ordem, o que eram então partos grotescos da fantasia dos povos. O Egito na aurora da arquitetura deu-lhe a solidez e a simplicidade nas formas severas da coluna e da pirâmide. Parece que este²³ povo ilustre queria fazer eterna a ideia no monumento, como o homem na múmia.

O meio, pois, de propagar e perpetuar a ideia era uma arte. Não farei a história dessa arte, que, passando pelo crisol das civilizações antigas, enriquecida pelo gênio da Grécia e de Roma, chegou ao seu apogeu na idade média²⁴ e cristalizou a ideia humana na catedral. A catedral é mais que uma fórmula arquitetônica, é a síntese do espírito e das tendências daquela época. A influência da igreja sobre os povos lia-se nessas epopeias de pedra; a arte por sua vez acompanhava o tempo e produzia com seus arrojos de água as obras-primas do santuário.

A catedral é a chave de ouro que fecha a vida de séculos da arquitetura antiga; foi a sua última expressão, o seu derradeiro crepúsculo, mas uma expressão eloquente, mas um crepúsculo palpitante de luz.

Era, porém, preciso um gigante para fazer morrer outro gigante. Que novo parto do engenho humano veio nulificar uma arte que reinara por séculos? Evidentemente era mister uma revolução para apagar a realeza de um sistema; mas essa revolução devia ser a expressão de um outro sistema de incontestável legitimidade. Era chegada a imprensa, era chegado o livro.

O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de longos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha

²⁰ este] esse – em OCA2008.

²¹ o livro] O livro – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

²² Este] Esse – em OCA2008.

²³ este] esse – em OCA2008.

²⁴ idade média] Idade Média – em OCA2008.

unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloquente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade.

O que era o livro? Era a fórmula da nova ideia, do novo sistema. O edifício, manifestando uma ideia, não passava de uma cousa²⁵ local, estreita. O vivo procurava-o para ler a ideia do morto; o livro, pelo contrário, vem trazer à raça existente o pensamento da raça aniquilada. O progresso aqui é evidente.

A revolução foi completa. O universo sentiu um imenso abalo pelo impulso de uma dupla causa: uma ideia que caía e outra que se levantava. Com a onipotência²⁶ das grandes invenções, a imprensa atraía todas as vistas e todas as inteligências convergiam para ela. Era um crepúsculo que unia a aurora e o ocaso de dous²⁷ grandes sóis. Mas a aurora é a mocidade, a seiva, a esperança; devia ofuscar o sol que descambava. É o que temia aquele arcediogo da catedral parisiense, tão bem delineado pelo poeta das *Contemplações*.²⁸

Com efeito! a imprensa era mais que uma descoberta maravilhosa, era uma redenção. A humanidade galgava assim o Himalaia dos séculos, e via na ideia que alvorecia uma arca poderosa e mais capaz de conter o pensamento humano.

A imprensa devorou, pois, a arquitetura. Era o leão devorando o sol, como na epopeia do nosso Homero.²⁹

²⁵ cousa] coisa – em OCA2008 e em MASA.

²⁶ onipotência] onipotência – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

²⁷ dous] dois – em OCA2008 e em MASA.

²⁸ *Les contemplations* é obra poética de Victor Hugo (1802-1885), publicada em 1856. O arcediogo a que se refere Machado de Assis é o personagem Claude Frollo, do romance *Notre-Dame de Paris*, publicado em 1831. Ele adotou e educou o disforme Quasímodo, personagem célebre do romance, alcunhado “o corcunda de Notre-Dame”. O “temor do arcediogo”, mencionado no texto, vem na seguinte passagem do romance: “L’archidiacre considera quelque temps en silence le gigantesque édifice, puis étendant avec un soupir sa main droite vers le livre imprimé qui était ouvert sur sa table et sa main gauche vers Notre-Dame, et promenant un triste regard du livre à l’église: / – Hélas! dit-il, ceci tuera cela.” (HUGO, 1858, v. I, p. 205) Tradução brasileira de Hilário Correia: “O arcediogo considerou algum tempo em silêncio o gigantesco edifício; depois, estendendo com um suspiro a mão direita para o livro impresso que estava aberto em cima da mesa e a mão esquerda para Nossa Senhora, e passeando um triste olhar do livro para a igreja: – Infelizmente – disse – isto há de matar aquilo.” (HUGO, 1957, t. I, p. 340) No capítulo seguinte do romance, pede o narrador licença para investigar o sentido dessas palavras (“ceci tuera cela”): e todo o capítulo é uma discussão da relação entre a arquitetura gótica (cujo ciclo histórico se encerrara) e a imprensa (o livro, cujo ciclo histórico começava). O tema desse capítulo do romance é que alimenta a reflexão machadiana sobre a relação entre o livro e a arquitetura.

²⁹ Em CM, no rodapé, vem a seguinte nota do autor: “*Colombo*, poema em que trabalha o Sr. Porto-Alegre.” PPGS e MASA transcrevem, no rodapé, essa nota do autor. No “Prólogo” do *Colombo*, há os seguintes versos: “Mais vermelho que o sol da terra surge / Um rompente leão! lança-se ao astro, / E o devora de um trago!” (PORTO-ALEGRE, 1866, t. I, p. 9). Embora o poema tenha sido publicado integralmente pela primeira vez em 1866, partes dele haviam sido divulgadas em periódicos. A parte do “Prólogo” que contém os versos aqui transcritos foi publicada na revista *Guanabara*, em 1850, p. 3-13, sob a rubrica “Fragmento de um poema”, com o título “O triunfo”. (PORTO-ALEGRE, 1850, t. I, p. 3-13) Machado de Assis, quando escreveu sobre o poema, em 1866 (Semana literária. *Diário do Rio de Janeiro*, p. 1-2, 5 jun. 1866), ainda não conhecia o poema completo.

Não procurarei historiar o desenvolvimento desta arte-rei,³⁰ desenvolvimento asselado em cada época por um progresso. Sabe-se a que ponto está aperfeiçoada, e não se pode calcular a que ponto chegará ainda.

Mas restabeçamos a questão. A humanidade perdia a arquitetura, mas ganhava a imprensa; perdia o edifício, mas ganhava o livro. O livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma cousa;³¹ não era ainda a tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades, a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal.

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

Quem poderá marcar todas as consequências desta revolução?

Completa-se a emancipação da inteligência e começa a dos povos. O direito da força, o direito da autoridade bastarda consubstanciada nas individualidades dinásticas vai cair. Os reis já não têm púrpura, envolvem-se nas constituições. As constituições são os tratados de paz celebrados entre a potência popular e a potência monárquica.

Não é uma aurora de felicidade que se entreabre no horizonte? A ideia de Deus encarnada há séculos na humanidade apareceu enfim à luz. Os que receavam um aborto podem erguer a fronte desassombrada: concluiu-se o pacto³² maravilhoso.

³⁰ arte-rei: evidente galicismo, pelo gênero trocado das palavras (arte, em português, é palavra do gênero feminino; em francês, do masculino). Victor Hugo empregou essa expressão na “Note ajoutée” à edição de 1832 do romance *Notre-Dame de Paris*. Escreveu ele: “L’auteur exprime et développe dans un de ces chapitres, sur la décadence actuelle de l’architecture et sur la mort, selon lui aujourd’hui presque inévitable, de cet *art-roi*, une opinion malheureusement bien enracinée chez lui et bien réfléchie. Mais il sent le besoin de dire ici qu’il désire vivement que l’avenir lui donne tort un jour.” (HUGO, 1858, v. I, p. 5; grifo nosso) Tradução brasileira de Hilário Correia: “O autor expõe e desenvolve num desses capítulos uma opinião infelizmente muito refletida e muito arraigada na sua mente, sobre a decadência atual da arquitetura e sobre a morte, hoje quase inevitável, desta arte-rei. Sente porém a necessidade de dizer aqui que estimará muito vir a ser um dia desmentido.” (HUGO, 1957, t. I, p.37)

³¹ cousa;] coisa; – em OCA2008 e em MASA.

³² pacto: talvez seja “parto”. A ideia de “parto” já havia aparecido neste texto, e aqui se oporia a “aborto”; porém, no parágrafo anterior, fala o autor em “constituições” como “tratado de paz” entre a “potência monárquica” e a “potência popular” – o que confere sentido à palavra “pacto”.

Ao século XIX cabe sem dúvida a glória de ter aperfeiçoado e desenvolvido esta grandiosa epopeia da vida íntima dos povos, sempre nova, sempre palpitante³³ de ideias. É uma produção toda sua. Depois das ideias que emiti em ligeiros traços é tempo de desenvolver a questão proposta: – O livro³⁴ absorverá o jornal? o jornal³⁵ devorará o livro?³⁶

II

A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses polos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento da imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo.

O jornal, *literatura quotidiana*, no dito de um publicista contemporâneo, é a reprodução³⁷ diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os factos³⁸ e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fracção³⁹ da ideia humana.

O livro não está decerto nestas condições: – há aí alguma coisa⁴⁰ de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal⁴¹ anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. O panfleto não vale um artigo de fundo.

Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra?⁴² Não repugno admiti-lo.

Já disse que a humanidade, em busca de uma forma mais conforme aos seus instintos, descobriu o jornal.

³³ sempre nova, sempre palpitante] sempre palpitante – em OCA2008 e em MASA.

³⁴ proposta: – O livro] proposta: O livro – em OCA2008.

³⁵ o jornal] O jornal – em OCA2008 e em MASA.

³⁶ Em CM, ao final da primeira parte, há esta indicação: “MACHADO de ASSIS. (*Continua.*)”.

³⁷ a reprodução] reprodução – em OCA 2008 e em MASA. Não localizamos o “publicista contemporâneo” a quem Machado de Assis se refere.

³⁸ factos] fatos – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

³⁹ fracção] fração – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁰ condições: – há aí alguma coisa] condições; – há aí alguma coisa – em PPGS; condições; há aí alguma coisa – em OCA2008; condições; – há aí alguma coisa – em MASA.

⁴¹ imprensa-jornal] imprensa – jornal – em CM.

⁴² “[...] le genre humain a deux livres, deux registres, la maçonnerie et l’imprimerie, la Bible de pierre et la Bible de papier.” (HUGO, 1858, t. I, p. 222) Tradução brasileira de Hilário Correia: “[...] o gênero humano tem dois livros, dois registros, dois testamentos, a arquitetura e a imprensa, a Bíblia de pedra e a Bíblia de papel.” (HUGO, 1957, t. I, p. 366)

O jornal, invenção moderna, mas não da época que passa, deve contudo ao nosso século o seu desenvolvimento; daí a sua influência. Não cabe aqui discutir ou demonstrar a razão por que há mais tempo não atingira ele a esse grau de desenvolvimento; seria um estudo da época, uma análise de palácios e de claustros.

As tendências progressivas do espírito humano não deixam supor que ele passasse⁴³ de uma forma superior a uma forma inferior.

Demonstrada a superioridade do jornal pela teoria e pelo facto,⁴⁴ isto é, pelas aspirações de perfectibilidade da ideia humana e pela legitimidade da própria essência do jornal, parece clara a possibilidade de aniquilamento do livro em face do jornal. Mas estará bem definida a superioridade do jornal?

Disse acima que o jornal era a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo social, do mundo literário e do mundo econômico. Do mundo literário parece-me ter demonstrado as vantagens que não existem no livro. Do mundo social já o disse. Uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência. Ora, isto não é evidentemente um progresso?

Quanto ao mundo econômico, não é menos fácil de demonstrar. Este século é, como dizem, o século do dinheiro e da indústria. Tendências mais ou menos ideais clamam em belos hexâmetros contra as aspirações de uma parte da sociedade e parecem prescrever os princípios da economia social. Eu mesmo manifestei algumas ideias muito metafísicas e vaporosas em um artigo publicado há tempos.⁴⁵

Mas, pondo de parte a arte plástica dessas produções contra o século, acha-se no fundo pouco razoáveis. A indústria e o comércio não são simples fórmulas de uma classe; são os elos que prendem as nações, isto é, que unem a humanidade para o cumprimento de sua missão. São a fonte da riqueza dos povos, e predispõem mais ou menos sua importância política no equilíbrio político da humanidade.

⁴³ passasse] pensasse – em CM e em MASA.

⁴⁴ facto,] fato, – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁵ em um artigo publicado há tempos.] em artigo publicado há tempos. – em MASA. J. Galante de Sousa, em PPGS, ao final do texto, pôs uma “NOTA”, parte da qual se refere a esta passagem: “Na segunda parte deste escrito afirma o autor haver manifestado ‘algumas ideias muito metafísicas e vaporosas em um artigo publicado há tempos’. Trata-se de *O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA*, trabalho publicado em ‘A Marmota’, Rio, 9 e 23 de abril de 1858.” Machado de Assis refere-se a este tema, também, num segundo texto: trata-se da pequena série de artigos que publicou na *Marmota Fluminense* (n. 731, 10 jun. 1856; n. 753, 31 jul. 1856; e n. 768, 4 set. 1856), sob o título geral de “Ideias vagas” – especialmente no segundo, intitulado “A comédia moderna”. Um terceiro texto em que Machado poderia ter expresso essas ideias estaria ainda “perdido” nos periódicos da época? Recentemente, Fernando Borsato descobriu um texto até então não atribuído a Machado de Assis, mas mencionado por ele em “O folhetinista” (publicado em *O Espelho*, em 30 de outubro de 1859). O texto descoberto por Borsato pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*; intitula-se “A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista.”

O comércio estabelece a troca do gênero pelo dinheiro. Ora, o dinheiro é um resultado da civilização, uma aristocracia, não bastarda, mas legitimada pelo trabalho ou pelo suor vazado nas lucubrações industriais. O sistema primitivo da indústria colocava o homem na alternativa de adquirir uma fazenda para operar a compra de outra, ou o entregava às intempéries do tempo se ele pretendia especular com as suas produções agrícolas. O novo sistema estabelece um valor, estabelece a moeda, e para adquiri-la o homem só tem necessidade de seu braço.

O crédito assenta a sua base sobre esta engenhosa produção do espírito humano. Ora, indústria manufactora⁴⁶ ou indústria-crédito,⁴⁷ o século conta a indústria como uma das suas grandes potências: tirai-a aos Estados Unidos e vereis desmoronar-se o colosso do norte.⁴⁸

O que é o crédito? A ideia econômica consubstanciada numa fórmula altamente industrial. E o que é a ideia econômica senão uma face, uma transformação da ideia humana? É parte da humanidade; aniquilai-a, – ela deixa de ser um todo.⁴⁹

O jornal, operando uma lenta revolução no globo, desenvolve esta indústria monetária, que é a confiança, a riqueza e os melhoramentos. O crédito tem também a sua parte no jornalismo, onde se discutem todas as questões, todos os problemas da época, debaixo da ação da ideia sempre nova, sempre palpitante. O desenvolvimento do crédito quer o desenvolvimento do jornalismo, porque o jornalismo não é senão um grande banco intelectual, *grande monetização*⁵⁰ da ideia, como diz um escritor moderno.⁵¹

Ora, parece claro que, se este grande molde do pensamento corresponde à ideia econômica como à ideia social e literária, – é a forma⁵² que convém mais que nenhuma outra ao espírito humano.

É ou não claro o que acabo de apresentar? Parece-me que sim. O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras; porque ele diz ao talento: “Trabalha! vive pela ideia,⁵³ e cumpres a lei da criação!” Seria melhor a existência parasita dos tempos passados, em que a consciência sangrava quando o talento comprava uma refeição por um soneto?

⁴⁶ manufactora] manufatora – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁷ indústria-crédito.] indústria crédito – em CM.

⁴⁸ norte.] Norte. – em OCA2008.

⁴⁹ aniquilai-a, – ela deixa de ser um todo.] aniquilai-a, ela deixa de ser um todo. – em OCA2008; aniquilai-a –, ela deixa de ser um todo. – em MASA

⁵⁰ monetização] monetarização – em MASA.

⁵¹ Não identificamos o “escritor moderno” a que Machado de Assis se refere.

⁵² literária, – é a forma] literária, é a forma – em OCA2008.

⁵³ ideia.] ideia – em OCA2008.

Não! graças a Deus!⁵⁴ Esse mau uso caiu com o dogma junto do absolutismo. O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta; só o talento ficaria servo?

Não faltará quem lance o nome de utopista. O que acabo, porém, de dizer me parece racional. Mas não confundam a minha ideia. Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo. Destruída a arquitetura, quem evita que à fundação dos monumentos modernos presida este ou aquele axioma d'arte, e que esta ou aquela ordem trace e levante a coluna, o capitel ou o zimbório?⁵⁵ Mas o que é real é que a arquitetura não é hoje uma arte influente, e que do clarão com que inundava os tempos e os povos caiu num crepúsculo perpétuo.⁵⁶

Não⁵⁷ é um capricho de imaginação, não é uma aberração do espírito, que faz levantar este⁵⁸ grito de regeneração humana. São as circunstâncias, são as tendências dos povos, são os horizontes rasgados neste céu de séculos, que implantam pela inspiração esta verdade no espírito. É a profecia dos factos.⁵⁹

Quem enxergasse na minha ideia uma idolatria pelo jornal teria concebido uma convicção parva. Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; e a democracia⁶⁰ é o povo, é a humanidade. Desaparecendo as fronteiras sociais, a humanidade realiza o derradeiro passo, para entrar o pórtico da felicidade, essa terra de promessa.

Tanto melhor! este⁶¹ desenvolvimento da imprensa-jornal é um sintoma, é uma aurora dessa época de ouro. O talento sobe à tribuna comum; a indústria eleva-se à altura de instituição; e o titão⁶² popular, sacudindo por toda a parte os princípios inveterados das fórmulas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos. É a luz de uma aurora fecunda que se derrama pelo horizonte. Preparar a humanidade para saudar o sol que vai nascer, – eis a obra⁶³ das civilizações modernas.

MACHADO DE ASSIS

⁵⁴ graças a Deus!] Graças a Deus! – em OCA2008.

⁵⁵ o zimbório?] zimbório? – em OCA2008.

⁵⁶ “Ce n’est pas à dire que l’architecture n’aura pas encore çà et là un beau monument, un chef-d’œuvre isolé.” (HUGO, 1858, t. I, p. 221) Tradução brasileira de Hilário Correia: “Isto não quer dizer que a arquitetura não deva ter, aqui e ali, um belo monumento, uma obra-prima isolada.” (HUGO, 1957, t. I, p. 365)

⁵⁷ Não] Mas – em MASA.

⁵⁸ este] esse – em OCA2008.

⁵⁹ factos.] fatos. – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁶⁰ e a democracia] a democracia – em MASA.

⁶¹ este] esse – em OCA2008.

⁶² A palavra “titão” não consta no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão on-line); porém, consta no AULETE digital e em dicionários mais antigos.

⁶³ vai nascer, – eis a obra] vai nascer – eis a obra (com o travessão, sem a vírgula) – em OCA2008.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CM – *Correio Mercantil*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.

Referências

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=15667>>.

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 12, p. 2, 12 jan. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=15676>>.

ASSIS, Machado de. Semana literária, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLVI, n. 133, p. 1-2, 5 jun. 1866.

ASSIS, Machado de. *Poesia e prosa*. Organização e notas de J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AULETE digital. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/titão>>.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Org.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Nouvelle édition. Paris: L. Hachette, 1858. 2v.

HUGO, Victor. *Nossa Senhora de Paris*. Tradução de Hilário Correia. São Paulo: Editora das Américas, 1957. 2t.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMARTINE, Alphonse de. *Cours familier de littérature: un entretien par mois*. Paris: Chez l'auteur, 1856. Tome seconde.

Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k164389t?rk=42918;4#>>.

LOBO, Hélio. *Manuel de Araújo Porto-Alegre: ensaio biobibliográfico*. Rio de Janeiro: A B C, 1938.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Fragmento de um poema. O triunfo. *Guanabara*, Rio de Janeiro, t. I, p. 3-13, 1850.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *Colombo*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1866. t. I.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.